

36º Festival de Almada

04 - 18 de Julho 2019

Aí está, na linha de partida, mais uma edição do Festival de Almada, a 36ª. Esta edição, seguindo o formato consolidado nos últimos anos contempla um conjunto de 25 espectáculos, um número que vai variando de edição para edição e que se repartem pelas duas margens do Tejo, Lisboa, Cascais e Almada. Um evento, que se afirma ano após ano, quer em termos nacionais, quer em termos internacionais e que tem de manter, o equilíbrio e o compromisso entre qualidade e a viabilidade financeira situação que representa sempre, um apurado exercício de programação. Torna-se evidente, para todos nós que, mais espectáculos representa mais investimento e mais investimento representa compromissos que, nos apertados orçamentos municipais, são incompatíveis. De qualquer forma o Festival, consegue sempre reunir um conjunto de espectáculos que vão sempre de encontro às expectativas do seu exigente público, dando-lhe para lá de uma visão do que de melhor e mais actual se realiza em termos nacionais, uma visão, embora limitada, do que de melhor se faz lá por fora.



"Dr. Nest"

Para quem deseja informar o leitor das melhores opções e dos melhores espectáculos nunca é pois tarefa fácil porque a qualidade é o prato forte do Festival e a opção por um ou outro, muitas vezes, tem a ver mais com preconceitos culturais e ideias feitas sobre determinados grupos ou obras, do que propriamente com uma crítica fundamentada e mesmo, a própria crítica, por mais objectiva que seja ou pretenda ser pelo autor da mesma, ela tem sempre uma visão mais ou menos carregada de subjectividade. Partindo destas premissas, o que se pode dizer para diferenciar um ou outro espectáculo? Pouco ou nada, porque o gosto é uma sensação interior construída pelo cérebro humano, criada pela educação e pela cultura de cada um, fazendo jus ao velho ditado do sapientíssimo zé povinho, gostos não se discutem.

Entenda-se aqui que, "gostos não se discutem", porque os gostos de cada um, são um infindável pomo de discórdia gerando permanentes incomparabilidades dado o seu carácter profundamente subjectivo. No entanto, o que se podia discutir, era a qualidade, a qualidade das escolhas e dos grupos, a qualidade dos textos, das interpretações, das encenações, da música e dos cenários, da organização e de tudo o que pudesse ter um reflexo positivo ou negativo na realização e projecção do evento e no sucesso ou insucesso do mesmo ou seja do Festival de Teatro. Mas também esta discussão, a existir, não seria propriamente agora já que não se pode discutir sobre uma coisa, isto é sobre uma programação deste género, sem se assistir aos espectáculos, apreciar as interpretações, os cenários, a música e ou, as encenações. Ou seja, lá vem de novo a sabedoria de quem sabe, não podemos falar de cor.

Contudo há acontecimentos programados que são incontornáveis e onde pode assentar não só uma crítica positiva mas, uma clara sugestão de, a não perder. Mesmo as pessoas com dificuldades de comprar uma assinatura, embora estas sejam bastante acessíveis, podem adquirir bilhetes avulsos, peça a peça, ou, participar na festa do teatro, assistindo a um conjunto de eventos gratuitos programados para a Praça São João Baptista e para o recreio da Escola António da Costa, também local designado pelo Festival de Esplanada.

Na Praça São João Baptista, na sexta 6 de Julho, pelas 22:00 horas, não pode perder **"A partida"** pelos CENDOYA DANCE CO, um grupo de Barcelona que vem apresentar uma co-produção: do Festival FiraTàrrrega, de Lérida, do Centro Coreográfico El Graner de Barcelona, e da Associazione Carovana S.M.I da Sardenha, com Coreografia e encenação de Vero Cendoya. Na sexta-feira seguinte mas pelas 24:00 horas, pode assistir a espectáculo de Vicent Martí xar, **"Fahrenheit Ara Pacis"** com direcção artística de Leandre Escamilla e Manuel Vilanova, um espectáculo que já passou por grandes festivais na Suíça, no México, em França, na Coreia do Sul e que agora chega a Portugal pela mão do Festival de Almada. Neste espectáculo são utilizadas várias técnicas de cena, da pirotecnia aos efeitos de iluminação de grande espectacularidade como formas de expressar a transformação de uma sociedade agrária e festiva que acaba por sucumbir ao furor belicista, pois a cegueira do homem é o combustível da guerra. Duas noites que irão ficar na memória dos espectadores, seguramente, por muitos anos.

Na Esplanada da António da Costa, a música ao vivo também não custa no orçamento familiar e chega pelos OPAZ com o seu ritmo balcânico, pelo DEEJAY BOOSTER, DJ set/música electrónica e se for Karaoke...?, pelos SONS DO MÉDIO ORIENTE, o fado pela BÁRBARA SANTOS, os sons da Guiné por MAIO COPÉ, os grandes sucessos da canção italiana pelo STEFANO SATURNINI TRIO, o jazz cigano por JAZZ MANOUCHE, a música klezmer pelo TCHECOV TRIO, o jazz latino por EDISON OTERO e o afrobeat, funk, blues e jazz pelos CARAPAUS AFROBEAT. Não há pois desculpas para não participar na festa.

Este ano há um programa especial para as crianças, um espectáculo igualmente gratuito. **"Porque voa o tempo?"**, com a concepção, composição e direcção musical de Nuno Cintrão e com a participação Katerina L'Dokova, Luís Pinto e Ivo Martins. *"O tempo permanece um mistério por desvendar. Tentamos medilo para o controlar, mas continua a ser muitas vezes imprevisível. Porque será que por vezes voa e não damos por ele a passar? E que outras vezes os ponteiros parecem não sair do lugar? Neste concerto, o tempo será o ponto de partida e o fio condutor."*

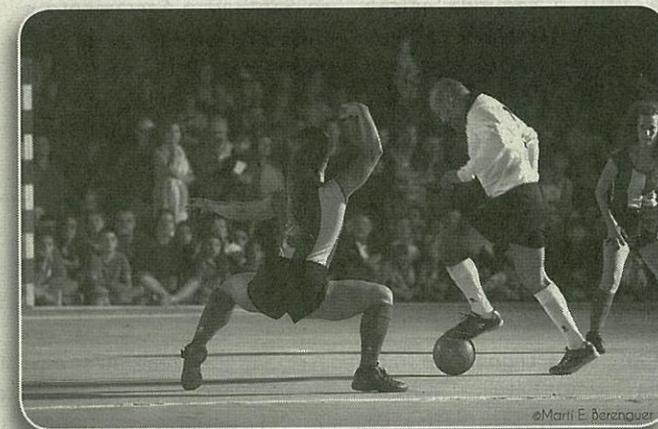
Se o orçamento é curto, então tem que optar e sem hesitação, pelos berlinenses da FAMILIE FLOZ Anna Kistel, Benjamin Reber, Björn Leese, Fabian Baumgarten, Hajo Schüller, Mats Suethoff e Michael Vogel sob a direcção de Hajo Schüller e não deixar de assistir ao Dr. Nest. Foi escolhido pelo público do Festival para voltar este ano. Um Teatro sem palavras, dito físico, aqui o corpo é que fala e é com máscaras que transformam os actores em marionetas humanas de singular inteligência, sensibilidade e imaginação que toda a acção se desenrola.

Consegue assistir a mais alguns, então, uma escolha segura poderá recair nos espectáculos de abertura e encerramento.

No primeiro caso pode assistir à **"A Boda"** de Bertolt Brecht, com

encenação de Ricardo Aibéo, pela SUL Associação Cultural e Artística uma co-produção do Centro Cultural de Belém e Teatro Nacional São João. Um trabalho *"insolente e burlesco, inspirado num sktch do seu amigo Karl Valentin, o texto data de 1919, quando o dramaturgo contava apenas vinte e um anos. Indo beber às feiras e festas da cerveja à boa moda e tradição alemãs da sua cidade natal de Augsburg, na Baviera, é um retrato ácido do casamento não só do ritual e da celebração, ou do sacramento, mas sobretudo instituição na qual assenta a vida adulta e a existência de pessoas cedo condenadas à hipocrisia."*

No segundo, pode assistir ao trabalho **"Feira dell'Arte"** de Mário Botequilha, pelo Teatro Meridional e com encenação de Miguel Seabra. *"Uma feira, nos arredores de uma qualquer grande cidade. Entre a roulotte das farturas e a barraca de louça de barro e fogareiros, dois actores anunciam o terceiro espectáculo do dia. É uma peça de Commedia dell'Arte, representada há muitas gerações, em muitas feiras de todo o Mundo, mas sempre da mesma maneira: Columbina e Zanni são os criados de Pantalone, um homem que, de moedinha em moedinha, fez fortuna."* O Teatro Meridional tem visto várias vezes os seus trabalhos reconhecidos e homenageados pelo Festival de Teatro de Almada é assim um valor seguro e não dará por perdido o seu dinheiro e o seu tempo.



"A Partida"

Mas, se comprou a assinatura, aí a escolha tem que ser mesmo realizada pelo leitor é que nós, se pudéssemos não perdíamos nem um. A programação oferece alternativas e vários dias de representação dos espectáculos. No CCB e no Teatro D. Maria II, há menos apresentações mas nas outras salas a escolha e a possibilidade de conciliação é maior.

Bom, mas tem também os cursos de formação, "O Sentido dos Mestres", as exposições de artes plásticas, a exposição de homenagem e documental a Carlos Avilez. Sim é Carlos Avilez a personalidade homenageada nesta 36ª edição do Festival de Almada. Há também o lançamento de uma tese de mestrado sobre o Festival de Almada de autoria de Rita Henriques. Há o Encontro Internacional de Teatros da América Latina, os Colóquios na Esplanada com nove eventos agendados, um restaurante a preços acessíveis com cozinha esmerada. Com uma assinatura de 75,00 € para o público e 60,00 € para o Clube dos Amigos do TMJB que mais se pode pedir ou exigir!

PS: Por acaso há uma coisa não para se pedir mas para se desejar, uma rápidas melhoras e um perfeito restabelecimento para o Rodrigo Francisco, director artístico do Festival de Almada vítima de um acidente na Ponte 25 de Abril. Um grande e fraternal abraço.

ANTÓNIO MARQUES